VII Enapol: O império das imagens

**DROGAS E IMAGENS: OS NOVOS ADICTOS**

Integrantes: Viviana Berger, Paulina Zamora, Sergio Garroni, Aurora de Méndez, Beatriz Escalera López e Marcela Almanza (responsável).

Desde o início, a convocação trouxe-nos duas questões centrais. Em que sentido poderíamos dizer que há algo de novo nos adictos de hoje, algo diferente daqueles adictos de outras épocas? Como delimitar o estatuto de *o novo* em nossa época e qual o papel das imagens aí?

J. Lacan dizia que um psicanalista tem de ser capaz de estar à altura de responder o mal-estar na cultura de sua época. A nossa época, evidentemente, é muito diferente da de Freud e a nomeamos como a época do Outro que não existe, visto que ela está marcada pelo declínio dos ideais, atravessada pela incerteza, captada pela lógica do capitalismo, pela produção infinita de bens de consumo massivo e pelo avanço irrefreável da ciência e da tecnologia. A nossa época, então, é aquela que enquadra, de maneira muito especial, as consultas atuais em que bastante frequentemente está presente a palavra *adição* ao tentarmos delimitar de algum modo essas exigências de gozo que lhes são impostas ao sujeito; consultas em que, muitas vezes, a angústia que aparece ou a experiência de algo da ordem do sinistro abrem a oportunidade para uma aproximação do divã. Nesse caminho, o que caracteriza, na atualidade, o modo em que *cada consumidor* se serve de *sua droga*, aquela que melhor lhe convém para sua satisfação?

Pensamos, por exemplo, no contraste entre o estabelecido por Freud em seu clássico texto *O Mal-estar na cultura* e o que vislumbramos na nossa época*.* Lembremos que aí Freud falava dos diferentes métodos que o homem utilizava para defender-se do sofrimento: mediante a sublimação, o recurso à fantasia, a religião, o delírio, o amor, e mencionava também -como mais um recurso- o uso de intoxicantes. Dizia que “… com auxílio desse “amortecedor de preocupações”, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se, da pressão da realidade e encontrar refúgio em um mundo próprio com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos.”.[[1]](#footnote-1)

Nesse ponto, a prática analítica nos interroga, já que, por um lado, pensamos que o recurso às *drogas* (múltiplas, diversas e fazendo parte do mercado global) já não constitui uma prática esporádica, marginal ou que apenas pertence a alguns poucos, mas por outro lado achamos que o que se constitui como droga para cada sujeito -face à enorme oferta de produtos atuais- é algo mais do que um “amortecedor de preocupações”.

Ainda melhor, tal como o apresenta Eric Laurent, a relação com o excesso, *a overdose generalizada*, permeia largamente a subjetividade contemporânea e aparece como uma pressão em direção ao tudo difícil de contornar, visto que “… o sujeito prefere seu gozo antes do que sua autoconservação e o narcisismo não é uma barreira contra a pulsão de morte”.[[2]](#footnote-2)

Vale, então, falar de *novos* adictos no sentido de uma novidade na estrutura da própria adição, ou melhor, o novo é o tipo de objetos e que sua disponibilidade seja imediata e massiva? Afinal de contas, toda esta lógica do mercado serve para um Senhor que sempre esteve aí, a pulsão de morte.

Levamos em consideração, tal como o estabelecia Lacan, a subida até o zênite do objeto *a* em nossa civilização, que incide nos modos e tipos de objetos de consumo e no nível do laço social. Aparece, então, uma constante pressão em direção ao mortífero que não é sem consequências. Perguntamo-nos qual é o impacto dessa nova ordem simbólica nos consumos, como afeta o imaginário. É essa a antecâmara dos “novos adictos”?

Se bem há uma pressão da época em direção ao “todos consumidores”, por sua vez, percebe-se que há diferentes tipos e maneiras de consumir.

Por exemplo, temos o consumo de substâncias (legais ou ilegais) que variaram segundo as épocas, as modas e os avanços científicos. Mas sabemos que também são consumidas, vorazmente, as funções que oferecem grandes quantias de objetos cada vez mais curiosos que o mercado propõe -sempre sob o signo da novidade iminente- cuja ambição é a de *ver e dar para ver tudo* com a promessa implícita de que *toda imagem* pode ser captada *sem resto* e que “nada é impossível”. Em uma espécie de *satisfação* *à la carte,* promete-se contemplar os gostos e preferências de um consumidor ideal, sempre ávido de novas imagens.

De acordo com estas coordenadas, resultou-nos interessante pensar na articulação entre corpo, adição, imagem e olhar. A abordagem deste último conceito por parte de J. Lacan nos permite localizar uma esquize fundamental entre olhar e visão.

Enquanto que esta última supõe uma relação natural com a realidade, pretendendo que existe uma percepção pura, ­isenta de gozo, precisa e objetiva do mundo através do olho -humano ou técnico-; a distinção de Lacan entre o campo da visão e o campo escópico, revela de que maneira a pulsão se faz presente ali através desse plus em que “algo se desliza, passa, transmite-se degrau por degrau, para ser sempre em algum ponto eludido, isso chama-se olhar”[[3]](#footnote-3) propiciando uma satisfação singular, impossível de ser subsumida a qualquer lógica de mercado.

A partir daí, poderíamos marcar um trajeto que vai desde império das imagens até o sujeito implicado naquilo que se desprende do olhar como *plus-*de**-**gozar contido na imagem perceptiva.

No texto “A imagem rainha”, J.-A. Miller nos faz lembrar que estas imagens não representam o sujeito, mas se coordenam com seu gozo,[[4]](#footnote-4) e que se essas imagens estão sob um império, esse é o império do olhar que é propriamente “o sem imagem”.[[5]](#footnote-5)

Trata-se então da extração do objeto *a*, que se inscreve de um modo preciso na função do espetáculo como *plus-*de**-**gozar visual e como olhar.

Retomando o estabelecido por Miller neste texto, evidencia-se que a nova teoria da imagem proposta por Lacan interroga o campo perceptivo a partir do desejo e do gozo, e põe em cena o olhar como encarnação do objeto *a*.

Neste ponto, pensamos que o tratamento que a mídia e as redes sociais fazem ou que permitem fazer da imagem pode ser resumido em um parágrafo do texto de Mauricio Tarrab *O olho bulímico,*“… a aridez das selfies atuais, o que se apresenta é um "eu estou aqui" patético, ou um "eu estive aí" da tolice prestigiante do turista, como diria P. Bourdieu, transformado em "disparador serial". E acrescenta que “no império das imagens é subtraída a experiência do corpo de maneira brutal”.[[6]](#footnote-6)

Aqui trazemos à tona o texto de Byun-Chul Han *A sociedade da transparência[[7]](#footnote-7)* que apresenta uma questão interessante ao explicar que as imagens tornam-se transparentes quando elas são "liberadas de toda dramaturgia, coreografia e cenografia, diz que quando são liberadas de toda profundidade hermenêutica, de todo sentido, tornam-se pornográficas", reconceituando o pornográfico como o "contato imediato entre a imagem e o olho"; fazendo com que cada sujeito seja seu “próprio objeto de publicidade”.

Trata-se do “corpo que goza dele sem mediação, sem a mediação do outro que vê, mesmo quando esse outro seja eu mesmo.”[[8]](#footnote-8)

Como pensar, então, esta relação repetitiva, de *adição* às imagens em nossa época?

Referir-se à droga é considerar a presença de uma substância com efeitos; e substância, em uma de suas acepções define-se como aquilo que se constitui como o mais importante de algo[[9]](#footnote-9), associada à forma e à mudança.

Quando se fala em drogas e imagens, faz-se referência à imagem como droga? À imagem como substância com efeitos?

Neste sentido, J.-A. Miller diz que *“*hoje, para qualificar esta repetição de gozo falamos em *adição*. Chamamo-la assim precisamente porque não é uma adição, porque as experiências não são somadas. Esta repetição de gozo faz-se por fora do sentido e gera uma queixa”[[10]](#footnote-10).

Trata-se então da *pura repetição*, da reiteração do Um do gozo, daquilo que do gozo mais singular de cada analisante não produz sentido.

Em relação à repetição deste gozo sem sentido, introduz-se o conceito de iteração. Guy Briole[[11]](#footnote-11) salienta que algo iterativo é algo mais relacionado com o fato de agir de uma maneira repetida, um fazer do qual nada pode ser dito. Por outro lado, Miller[[12]](#footnote-12) estabelece que Lacan, no Seminário 20, lembra-nos o estatuto daquela substância gozante que pertence a um registro por completo diferente, já que fica atribuída ao corpo, desde que –diz Lacan– se defina só a partir de *o* *que se goza*. Quer dizer que esse corpo do qual estamos nos referindo, não se define pela imagem, como o corpo do estádio do espelho, nem pela forma... Também não se define como esse que goza, mas como isso que *se goza,* salientando o valor que implica aqui sua conexão com a substância, visto que se trata de um corpo que goza de si próprio.

Portanto, quando falamos dos “novos adictos”, não será que talvez estejamos nos referindo à re-iteração do Um do gozo, cada vez única, isolada, impossível de ser enlaçada a outra?

Em sua conferência “Mi cuerpo y yo”[[13]](#footnote-13), Graciela Brodsky nos lembra que “A imagem é um tratamento do gozo e da castração, visto que dá unidade, enquadre, limite; civiliza o gozo através da ilusão do domínio do ego..., porém, ao mesmo tempo, é esse o paradoxo em que vivemos, especialmente em nosso mundo atual…, essas imagens que por um lado têm o efeito de enquadrar, de civilizar esse gozo do corpo, também elas têm como retorno um efeito de gozo sobre o corpo. Na dialética do espelho não entra em ação apenas o aparelho simbólico representado pelo espelho; também está o corpo. Está o suporte simbólico da imagem, mas há algo mais que não temos que esquecer: está "o olhar" e está "o olho".” Ela também acrescenta que “nesse gozo que chamamos júbilo, que surge da contemplação da imagem, o que passa despercebido é que esse júbilo requer do olho, que no estádio do espelho constituído, o gozo, que antes era um gozo do corpo, centra-se em um órgão do corpo, não no corpo todo…, mas em um órgão guloso que é o olho mesmo, que se satisfaz com a imagem. Satisfazer-se, gozar das imagens, parece ser um rasgo da época em que vivemos”.

Olho e corpo. Corpo que não é apenas uma forma que reflete o organismo, nem aquele corpo falado e incorporado através dos significantes que o sujeito pega do Outro. *É o corpo afetado pelo gozo* que produz o significante quando não está produzindo sentido. Gozo que, articulado com o império das imagens, realiza uma dupla operação. Por um lado, a adição -aditiva- do corpo do usuário a esse império e, por outro lado, uma subtração do corpo do outro. O resultado é um contato sem mediação entre a imagem e o olho, ficando o olho na qualidade de encarnação do objeto *a* que se nutre do desfile rápido e infinito de imagens desarticuladas de una matriz simbólica. Imagens que, não só nos vêm da mídia (virtual, escrita, publicitária ou não, cinematográfica, etc.), mas que vêm de cada um de nós quando as produzimos e as pomos em circulação (redes sociais).

Fica, acaso, algum campo da atividade humana cujo tratamento das imagens se distancie desta modalidade de gozo?

Achamos que no campo da arte contemporânea encontramos um tratamento diferente das imagens. Lembremos que o critério para determinar o contemporâneo não é estético nem cronológico. O contemporâneo caracteriza-se por romper com os academicismos e por deixar de guiar-se por preceitos como originalidade e novidade. Mais do que reforçar o mito do artista como um “ser superior” ou de promover o receio pela autoria única, a arte mais atual procura se localizar na periferia do mercado, e o papel do espectador e a ativação do espaço público real ou virtual estão no centro da suas propostas.

Ainda mais, a pesar de a arte atual usar as imagens como meio, sua matéria prima é outra. É o gozo opaco do sintoma do artista -o artista sempre fala em primeira pessoa-, o que permite que as imagens tenham outro caráter ontológico diferente das imagens da mídia e das redes sociais. Ontologia imaginária, mas, no fim das contas, diferente.

A imagem na arte não tenta dizer tudo e é por isso que preserva a possibilidade do desejo. Não cobre o real, o contorna. É humanização do desejo.

Tudo isto só verifica-se retroativamente, qualidade da arte atual. Uma proposta artística passa de ser uma simples ação a ser uma obra de arte quando, uma a uma, verifica-se *après-coup* se tal ação elevou-se, graças ao escabelo, à dignidade da coisa. Nesse ponto, a arte atual é ruptura que desata reflexão no espetáculo pornográfico do império das imagens.

Ponto que só será percebido se estiver clara a diferença entre arte e espetáculo. Diferença tão sutil como aquela que menciona George Didi-Huberman[[14]](#footnote-14) em seu texto *A imagem arde*: existe o caçador de borboletas que defende a erudição, coleciona, vive no cheiro do éter, classifica, torna-se especialista, *possui* as imagens; e existe aquele que admira na borboleta aquilo que dela se escapa, aquilo que, pelo bater de asas, é impossível de segurar. Ele é quem capta que quando aquela imagem em movimento se aproxima muito da chama, o que resta é *um minúsculo floco de cinza.*

Para o caso basta ler a declaração de um artista sobre seu corpo de obra, sendo ela um espaço de intimidade absolutamente original, um espaço êxtimo.

Vamos pegar o conceito de êxtimo e diferenciemo-lo de *o* *Unheimlich.* Ambos têm uma relação através do objeto *a*. Por um lado, *o* *unheimlich* é a angústia que surge quando qualquer coisa aparece no lugar onde deveria aparecer o vazio, e é ao colmatar esse vazio que se passa da angústia à experiência de *inquietante estranheza*.

No êxtimo preserva-se o vazio colocando véus imaginários que o evocam sem preenchê-lo e, ainda melhor, dando lugar a uma experiência de uma intimidade que fica excluída desde o próprio interior.

No que respeita às imagens, elas tornam-se objetos isca cujo efeito pode inclinar a balança para o lado de *o unheimlich* ou para o lado do êxtimo. O ponto de ruptura é se essa imagem se apresenta ao ser falante *de repente*, pulverizando a ficção de unidade do corpo e invadindo-o de angústia; ou se essa imagem, como isca, contorna o vazio de *Das Ding*, preservando-o. Esse ponto de ruptura é determinado pelo objeto *a*. No caso de *o unheimlich*, a angústia sobrevém porque houve um encontro sem mediação com o objeto *a*, objeto que, por definição, é sem imagem. No êxtimo, o objeto é um objeto imaginarizado preservando em qualquer imagem essa ausência, esse vazio. É o vaso de Heidegger, e é isso que aspira todo artista cada vez que cria uma peça.

Atingido esse ponto, e trasladando-nos ao terreno da clínica analítica, perguntamo-nos como alojar esse *parlêtre* que se desvive por possuir a imagem. Aquele que se localiza em um “isso goza” mais do que em um “isso fala”.

Neste caminho, retomamos o estabelecido por Miller em “O ser e o Um” em relação ao conceito de adição, para articulá-lo com a seguinte pergunta, poderíamos dizer que a esse gozo que afeta todo *parlêtre*, no caso dos “novos adictos”, agrega-se uma questão suplementar a partir de sua relação com os novos consumos de objetos produtores de imagens?

Tomemos, por exemplo, o caso dos chamados *selfieadictos* e das famosas *selfies*. Que estatuto dar-lhe a estes retalhos visuais que, extraídos da vida privada de alguém e criados a partir de *selfies* sexuais, profissionais, familiares, amistosas, turísticas, esportivas, ou gourmet, parecem permear os laços atuais?

Neste contexto, também, fica em evidência a proliferação da clínica dos transtornos, a tendência imparável que se dirige à classificação de toda conduta repetitiva que resulta disfuncional para o entorno, e seu posterior tratamento farmacológico, que permite localizar como é que o conceito de *adição* -articulado com o par intoxicação/desintoxicação- referido aqui ao uso de objetos tecnológicos produtores de imagens, filtra-se novamente como um significante muito próprio da época, visto que parece válido para descrever algo inominável quando não pode ser ouvida outra dimensão dos fatos, quando se elimina aquilo subjetivo envolvido neste tipo de práticas.

Nesse sentido, é chamativo o modo em que outros discursos tentam lidar com o excesso, a dependência, a chamada *adição*, mediante a sugestão, pelo caminho do sentido, desconhecendo o envolvimento do pulsional, já que os chamados métodos de *desintoxicação tecnológica* não fazem mais do que reforçar a ideia de que *o tóxico* é um produto tangível (é o caso do iPhone) e que, efetivamente, afastando o consumidor do objeto consumido, ensinando-lhe a viver sem esse elemento nocivo, tirando-o progressivamente do entorno do *adicto* mediante um programa de condicionamento, seria possível conseguir uma abstinência satisfatória e sucesso na cura.

Sabemos, desde a época de Freud, que isso não é mais do que uma ilusão vã…

Não podemos negar que, no mundo atual, o fascínio pela imagem ganhou todo o protagonismo e que as consequências deste fato permeiam de maneira diversa a prática da psicanálise no século XXI.

Nesse contexto, achamos que isto também se trata de fazer-se ouvir…, de pôr em marcha a ação lacaniana em cada âmbito onde exercemos a nossa prática e onde sabemos que abundam muitas ofertas que, ao estilo do mercado global, não duvidam em oferecer múltiplas abordagens para a problemática dos consumos, mas desde uma perspectiva universal e abolindo a particularidade do caso por caso.

É aí onde nos perguntamos como conseguir passar da iteração -pura adição, sem lei- para a via do laço, para assim tentar que algo *disso que se impõe sem limites*, pura satisfação autoerótica e solitária, consiga passar pelo Outro.

Lembrávamos então, aquilo que já estabelecia J.-A. Miller faz alguns anos quando dizia que “no fundo, o analista deveria ser um *dealer* da droga da palavra”.[[15]](#footnote-15)

Se a política da psicanálise é a política do sintoma, pensamos que ela continua sendo a nossa bússola, uma aposta possível e absolutamente vigente para nossa época quando, face à pressão em direção ao excesso, produz-se alguma vacilação fantasmática no sujeito, quando a angústia emerge, quando a droga falha…

Será essa a oportunidade para que cada praticante da psicanálise, orientado pelo seu desejo, possibilite que *algo fale ali*, em cada *parlêtre*, quando sua relação com as imagens perca aquele poder de fascínio, aditivo, para *esse* consumidor.

Será a oportunidade, então, de acolher *outra demanda* para os “novos adictos”.

1. Freud, S., “El malestar en la cultura”, Amorrortu, Buenos Aires, 1988, pág.78 [↑](#footnote-ref-1)
2. Laurent, E., “La aurora del síntoma”, *“Ciudades analíticas*”, Tres Haches, 2004, pág. 136. [↑](#footnote-ref-2)
3. Lacan J., *El Seminario, libro XI, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, Buenos Aires, Paidós, 1991, p. 21. [↑](#footnote-ref-3)
4. Miller, J. A., “La imagen reina”, Elucidación de Lacan, Editorial Paidós, Buenos Aires, 1998, p. 583 [↑](#footnote-ref-4)
5. Ibid., p.584 [↑](#footnote-ref-5)
6. Tarrab, M., “El ojo bulímico y el lobo”, http://oimpériodasimagens.com.br/es/faq-items/el-ojo-bulimico-y-el-lobo-mauricio-tarrab/ [↑](#footnote-ref-6)
7. Han, Byung-Chul, La sociedad del cansancio. Colección Pensamiento Herder, Alemania, 2012. [↑](#footnote-ref-7)
8. Miller, J.-A., Curso de la Orientación lacaniana, “El ser y el Uno”, clase del 4 de mayo de 2011, inédito [↑](#footnote-ref-8)
9. Diccionario. Real Academia Española. [↑](#footnote-ref-9)
10. Miller, J.-A., Curso de la Orientación lacaniana, “El ser y el Uno”, clase del 23 de marzo de 2011, inédito [↑](#footnote-ref-10)
11. Briole, G.,“Reseña de puntos de capitón de las intervenciones de Jacques-Alain Miller en el Parlamento de Montpellier y de dos orientaciones en su curso “El ser y el Uno” [↑](#footnote-ref-11)
12. Miller, J.-A., Curso de la Orientación lacaniana, “El ser y el Uno”, clase del 23 de marzo de 2011, inédito [↑](#footnote-ref-12)
13. Brodsky, G., “Mi cuerpo y yo”, http://www.nel-mexico.org/index.php?sec=Conferencias-y-Mesas-redondas&file=Conferencias-y-Mesas-redondas/2015/15-02-20\_Mi-Corpo-y-Yo.html [↑](#footnote-ref-13)
14. Zimmermann, L., Didi-Huberman, G., et al. Penser par les images. Autour des travaux de Georges Didi-Huberman. Editions Cécile Defaut, Nantes, 2006, pp. 11-52. [↑](#footnote-ref-14)
15. Miller, J.-A., “Para una investigación sobre el goce autoerótico”, Sujeto, goce y Modernidad, Atuel T y A, Buenos Aires, 1993, p.20. [↑](#footnote-ref-15)